

**PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA:
UMA ANÁLISE DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NO MUNICÍPIO DE BRASILÂNDIA MS**

Clarice Karen de Jesus (UEMS)
clakaren@hotmail.com

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de refletir sobre a inter – relação entre a prática docente e a qualidade da produção textual dos alunos e também os motivos que levam à resistência a escrita foi realizada esta pesquisa. Os autores utilizados para o embasamento teórico foram: Geraldi (1997), Bottega (2002), Brito (2004), Kleiman (1993), dentre outros. Este artigo tem o objetivo de descrever algumas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental de uma escola pública do município de Brasilândia – MS, no decorrer de um semestre de observações do estágio curricular obrigatório. O presente trabalho discutirá, a partir da postura profissional dos professores, como eles configuram o trabalho de leitura e produção de textos em suas aulas, a partir de suas concepções e que espaço a leitura e a escrita ocupam na vida desses alunos. Observou – se que muitas práticas são repetidas ano a ano e isso não favorece o gosto da leitura e da escrita. Questões e algumas sugestões de como tornar o ensino de produção de textos mais interessante para os alunos serão discutidas. O ensino de produção de textos não está separado da leitura e da gramática, ambos devem andar de mãos dadas. O estudo confirmou que a prática de produção de textos deve ser repensada a fim de tornar a escrita mais atraente.

Palavras chave: Produção de texto. Ensino. Prática Docente. Leitura.

1. Introdução

Esta pesquisa visa refletir sobre o ensino atual de produção de textos nas escolas, especificamente dos alunos do ensino fundamental de uma escola pública no município de Brasilândia/ MS. De que forma os alunos estão desenvolvendo seus trabalhos de escrita, como os professores escolhem os temas a serem trabalhados e a forma de correção dessas produções. É notório que alunos fluentes em sua língua materna na forma oral, diante de uma folha de papel em branco, na qual tem que desenvolver um texto com suas próprias palavras acabam apresentando muitas dificuldades.

A busca pela eficiência nas práticas de leitura e produção de textos é responsabilidade de todos os educadores. O professor deve encontrar caminhos para que o aluno utilize a escrita com mais liberdade e oportunizar a apreciação, produção e contextualização de vários tipos de

textos.

A escola deve tornar o aluno um leitor – autor que utiliza a linguagem de forma criativa e o professor deve trabalhar diferentes gêneros textuais e oportunizar aos alunos a leitura dos textos dos seus colegas como um meio de ação e interação social.

O objetivo principal é trazer algumas sugestões de como tornar o ensino de produção de textos mais atrativo e abordar alguns erros comuns a vários profissionais que ministram aulas de língua portuguesa de acordo com teóricos abordados.

2. *Fundamentação teórica*

Brito (1997, p. 116) levanta uma questão muito importante “para que tem servido o ensino de português se o estudante não aprende o domínio real da língua escrita”? O problema está na estrutura escolar, que insiste na produção de “redações” em que os textos são remetidos unicamente ao professor. Por essa razão o estudante cria a imagem de que seu único e possível interlocutor será o professor.

Geraldi (1997) questiona os procedimentos da escola em relação ao preparo dos alunos quanto ao domínio da língua escrita, pois o aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estabelecidos e seu texto será julgado e avaliado. Consciente de que terá um único destinatário, o aluno escreve de acordo com o gosto do professor. Ele aprende a escrever para atender aos interesses do superior e deixa de ser o verdadeiro sujeito de seu discurso.

De acordo com Bottega (2002, p. 174) a produção de textos nas escolas reflete um grave problema educacional. Os alunos apresentam grandes dificuldades e um profundo desinteresse, isso devido ao fato que os temas propostos são repetidos todos os anos e com isso não há uma motivação por parte do aluno. Alguns professores são rígidos quanto aos critérios de correção e vão a procura da “caça aos erros” e não dão espaço para que os alunos exponham suas opiniões.

Dentro do ambiente escolar a produção de textos atua como um mecanismo controlador do discurso, o aluno é obrigado a escrever o que é imposto pelo contexto escolar sob pena de punição se não obedecer. Se o aluno não tiver a oportunidade de expressar a sua voz no texto que produz sua escrita não será produção, mas um amontoado de linhas preen-

chidas, nas quais não será possível através das palavras perceber o rosto ou a voz de quem escreveu.

O estudante é obrigado a escrever seguindo alguns critérios estabelecidos pela escola. Na maioria das vezes o professor será o único leitor da produção, então, o aluno procura escrever baseado no gosto do professor e não escreve o que realmente pensa. Muitos estudantes procuram utilizar mais a norma culta da linguagem e sentem a necessidade de encher os espaços e mostrar que tem algo a dizer, mesmo que não tenham.

Geraldi *apud* Bottega (2002, p. 180) considera que para que o texto tenha um caráter de produção, o aluno deve conhecer o assunto, dirigir o texto a alguém, ter motivos para escrever e ter condições de escolher estratégias para dizer o que pensa. Uma boa produção de textos deve utilizar situações de uso efetivo da língua, na modalidade escrita e oral. Deve – se mostrar ao aluno que por meio da escrita, ele pode dizer o que pensa.

O professor ao trabalhar com produção de textos pode dar outro destino que não seja o lixo para esse material, pois que motivação os alunos terão ao saber que seus textos serão lidos por uma única pessoa? Para Geraldi (2004) conforme as séries trabalhadas os trabalhos de divulgação poderão ser diferentes. Na quinta série as histórias produzidas durante o ano podem virar um livro. Na sexta série pode – se fazer um livro ou um jornal – mural. Na sétima série um jornal de circulação mensal dos melhores textos produzidos. Na oitava série, uma organização de uma antologia no final do ano para a publicação de um jornal. Desde o início do ano os alunos precisam ser comunicados que seus textos poderão ser publicados e lidos por muitas pessoas. Para produzir textos de qualidade, os alunos têm que saber o que querem dizer, para quem escrevem e qual é o gênero que melhor exprime essas ideias. A chave é ler muito e revisar continuamente.

Geraldi (1997) considera a “produção de textos como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua”. Essa afirmação vai ao encontro da preocupação com a necessidade de formar indivíduos reflexivos, críticos e capazes de posicionar – se diante do mundo através da expressão de suas ideias. O aluno deve ser instigado a refletir a respeito do conteúdo de sua língua, da estrutura do texto, da intenção daquele que produz, do momento enunciativo. Isso poderá transformá-lo em um bom leitor, não só de textos, mas, quem sabe,

também leitor de um mundo melhor.

Travaglia (2003) afirma que a competência do falante enquanto usuário da língua é percebida quando ao produzir um texto, consegue atingir seus objetivos nas diversas situações e ao receber um texto deve ser capaz de compreendê-lo. A educação linguística é o conjunto de ensino/aprendizagem formais ou informais, que levam uma pessoa a conhecer o maior número de recursos da língua e ser capaz de usar esses recursos para produzir textos a serem usados em situações específicas de interação comunicativa para produzir o efeito de sentido pretendido.

Gregolin (1993), alerta que o trabalho com o texto escrito em sala de aula caracteriza – se, muitas vezes para o aluno como “redação tortura”, que faz emergir um texto morto, em cuja situação de produção o aluno escreve por obrigação e o professor solicita a redação como parte de suas tarefas escolares.

É fundamental que o professor não separe o estudo das regras da língua e a produção escrita. Segundo Barreto (2005, p. 53) “a reflexão sobre os mecanismos da língua produz um aprendizado mais consistente quando é feita misturada ao ler e escrever”.

3. *Análise dos dados*

As maiores dificuldades enfrentadas no ensino/aprendizagem de língua portuguesa nas salas de aula segundo os professores analisados são: a falta de interesse dos alunos e a indisciplina deles. Essa desmotivação deve-se ao fato das aulas não serem atraentes e nem compatíveis com a realidade dos alunos, por isso não se interessam por aquilo que lhes está sendo ensinado, já a indisciplina é uma consequência do desinteresse, pois o aprendiz não tem motivação alguma para prestar atenção nas aulas e por isso acaba por se dispersar e atrapalhar a aula com assuntos paralelos e brincadeiras que não são adequadas ao contexto da aula.

As aulas quando eram destinadas a produção de textos a maioria dos professores sugeriam que os alunos escrevessem sobre um tema escolhido por eles. Em nenhum momento eles pediram sugestões aos alunos sobre quais temas eles gostariam de escrever ou o que eles consideravam interessante. Os alunos tinham muita dificuldade nos momentos da escrita, eles até chegavam a escrever e a pedir que os professores lessem algum parágrafo para ver se estava do gosto deles.

Segundo Borges – Gutierre (2007, p. 23),

Uma prática de redação para fins avaliativos, que por si só é coercitiva, possivelmente faz com que o aluno lance mão de “estratégias de preenchimento”, a fim de atender ao que aparentemente pertence ao universo do conhecimento e crenças dos interlocutores superpostos. Como resultado tem – se a “anulação da estrutura dialógica” e a instanciação de um bizarro monólogo em que a voz que fala é apenas do Outro”.

Em uma atividade um professor trabalhou um texto informativo sobre a dengue, após a leitura ele pediu que os alunos respondessem algumas perguntas. Posteriormente os alunos escreveram uma produção e o tema era “a dengue”. Os alunos executaram a atividade, entregaram ao professor e na aula seguinte ele devolveu. Nenhum comentário foi feito, nenhuma produção foi lida em voz alta, ele somente pontuou os erros.

Geralmente os professores lançam mão de exercícios e atividades baseados na gramática normativa, que visam apenas que os alunos memorizem todos os conceitos e metalinguagem referente ao assunto abordado, além de tentar fazer com que eles “aprendam” a escrever e a falar seguindo as regras da norma culta. O maior aliado dessa prática é o livro didático que, na maioria das vezes traz atividades estruturais que não levam os aprendizes a tecer nenhum tipo de reflexão sobre a língua e seu uso efetivo em situações reais de interação verbal. Esses livros são escolhidos em uma reunião realizada ao fim de cada ano letivo, mas os professores sempre escolhem os livros da mesma editora, pois já conhecem o conteúdo abordado. O dicionário não esteve presente em nenhuma das aulas observadas, visivelmente muitos alunos não tem interesse em esclarecer dúvidas referentes aos léxicos desconhecidos.

Alguns professores tem uma concepção dos textos como um conjunto de elementos gramaticais. Utilizam o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais analisando a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações. De acordo com Kleiman (1993, p. 17), “os livros didáticos estão cheios de exemplos em que o texto é apenas pretexto para o ensino de regras sintáticas, isto é, para procurar adjetivos, sujeitos ou frases exclamativas.

No decorrer do estágio foi visível que as aulas não eram baseadas nas orientações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ao questionarmos os professores sobre os seus conhecimentos dos PCN, alguns relataram que conheciam pouco e outros não estudaram na universidade. Alguns relataram que aplicar as sugestões contidas nos PCN nas aulas é muito difícil, pois a realidade escolar é totalmente diferente do que está

escrito neles.

Os PCN do 3º e 4º ciclos sugerem que a produção de textos escritos deve ambicionar a redação de textos conforme as condições de produção; a utilização de marcas de segmentação do projeto textual e de recursos gráficos de interpretação. O aluno deve escrever com continuidade temática, explicitando informações indispensáveis à interpretação, usar adequadamente os mecanismos de coerência e coesão (referência e articulação), escolher itens lexicais adequados, conhecer e praticar diferentes gêneros textuais e, sempre, revisar o texto.

Na grande maioria das produções os professores não levaram em conta que o texto do aluno precisa ser valorizado de alguma forma, eles visam somente os erros da redação. É preciso selecionar somente os erros que realmente comprometem a textualidade, deixando os menos comprometedores para outra ocasião. Ao analisar gradativamente, a probabilidade de cometê-los novamente diminui, pois esse procedimento permite reflexões sobre as falhas.

Não deixando de ressaltar que nenhum destino foi dado aos textos produzidos no decorrer das aulas. Após a correção, os professores pontuavam os erros e devolviam aos alunos, estes nem sequer reliam o texto, colocavam-no dentro do caderno ou jogavam imediatamente no lixo. Tanto para o aluno, como para os professores estes exercícios de escrita servem unicamente para cumprir o que está estabelecido pelo currículo.

Quanto aos critérios de correção eles são feitos a partir da união das várias produções realizadas ao longo do bimestre. Não há uma observação do crescimento dos educandos ao longo dos meses. Para Alves (2005), a avaliação das produções textuais deve ser contínua, ou seja, deve ser feita por meio do acompanhamento da execução das atividades, observando o desenvolvimento das competências e habilidades tanto individuais, quanto coletivas. As questões gramaticais e sociais como coerência, coesão, originalidade, criatividade, compromisso e responsabilidade devem ser observadas dentro de uma relação dialógica.

A prática pedagógica utilizada por estes professores não estimula a reflexão, tornando a atividade com o texto passiva e o aluno não é provocado com atividades instigantes. Grande parte das aulas de produção não considerou a experiência pessoal do aluno para a construção do sentido e desencorajou o desenvolvimento crítico dos deles. As ações metodológicas utilizadas pelos nossos informantes nos levam a crer que suas

atitudes não condizem com a de um professor reflexivo, pois ela não rompe com as atitudes mecanicistas, apesar de estarem conscientes que seu trabalho não está rendendo resultados positivos, não refletem sobre o seu trabalho, não buscam acabar com atitudes rotineiras e não as modificam com ações críticas.

Para aproximar a produção escrita das necessidades enfrentadas no dia-a-dia, o caminho atual é focar o desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores. Ou seja, levar o aluno a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam o ato da leitura e da escrita, pois ambas devem caminhar lado-a-lado. Noticiar um fato no jornal, ensinar os passos para fazer uma sobremesa ou argumentar para conseguir que um fato seja resolvido. Segundo Castelo (2009) os bons escritores adultos são pessoas que pensam sobre o que vão escrever, colocam em palavras e voltam sobre o já produzido para julgar sua adequação. Mas acima de tudo, não realizam as três ações (planejar, escrever e revisar) de maneira sucessiva: vão e voltam de umas a outras, desenvolvendo um complexo processo de transformação de seus conhecimentos em um texto.

4. Considerações finais

Esta pesquisa visou discutir a necessidade de adequação de novas metodologias para o ensino de produção de textos na sala de aula. As aulas voltadas a produção de textos devem incentivar o prazer de escrever através de temas que privilegiem as histórias de vida dos alunos e que assim eles possam se expressar livremente. O aluno deve ser estimulado a escrever diferentes tipos de gêneros textuais, para conseguir se manifestar de diferentes maneiras. A motivação para escrever deve surgir da necessidade de expressar – se e para isso o aluno não pode sentir medo das correções, mas sim sentir – se seguro para se expressar.

É perceptível que a instituição de ensino analisada ainda oferece um ensino de produção de textos voltado ao discurso do professor, o estudante escreve para um único leitor, que é o professor. Essa prática acaba produzindo textos vazios e pobres, pois os alunos não sentem – se livres para escrever.

Concluindo, a reflexão sobre o ensino de língua portuguesa, mais especificamente, sobre o conceito de produção de textos, é perceptível que os alunos estão desmotivados, talvez por causa do despreparo e a

metodologias que não cativam os estudantes. Não é aconselhável separar a gramática, da leitura e da produção de textos. A opinião dos educandos não está sendo considerada dentro do processo de ensino/aprendizagem, não são os sujeitos de seus próprios discursos, pois escrevem obedecendo as concepções autoritárias estabelecidas pela escola. Assim sendo, cabe ao aluno como leitor e produtor de textos ocupar o espaço que lhe é destinado institucionalmente, sem que seja permitido a ele reconhecer a historicidade constitutiva da linguagem e (re)construir a sua própria história de leitura e escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES-GUTIERRE, Maria Madalena. Caminhos, diálogos e sentidos da produção escrita escolar. *Rev. Cient. de Letras*, v. 3, Franca, 2007.

BOTTEGA, Rita Maria Decarli. A produção de textos na escola: pressupostos e possibilidades. *EDUCERE – Revista da Educação*, vol. 2, n. 2, jul./dez., 2002.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

BRITO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004, p. 115-126.

CASTEDO, Mirta. *Escrever de verdade*. Disponível em: <<http://www.ser.com.br/main.jsp?lumPageId=40288081166CAA3001166E20A1820A0B&lumI=gm5.Artigo.detArtigo&itemId=480F8D7C1F189BFA011F1924B5A7055C>>. Acesso em: 5-12-2014.

FERES, Beatriz dos Santos. *Estratégias de Leitura, compreensão e interpretação de textos na escola*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-08.html>>. Acesso em: 10-12-2014.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

GREGOLIN, Maria do Rosário de Fátima Valencise. Tecendo a teia do texto na escola. In: Curso de atualização para professores de 2º grau na

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

área de língua portuguesa. Textos - Volume 1. Araraquara: Convênio Vital - UNESP - FUNDESP - SE/SP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Unicamp, 1993.

MATÊNCIO, M. de L. *Leitura e produção de texto e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. Acesso em: 15 de janeiro de 2015.

SILVA, Flávio Alves da. *A produção de textos na escola*. Disponível em <<http://www.gargantadaserpente.com/artigos/flavioalves.shtml>>. Acesso em: 15-01-2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.